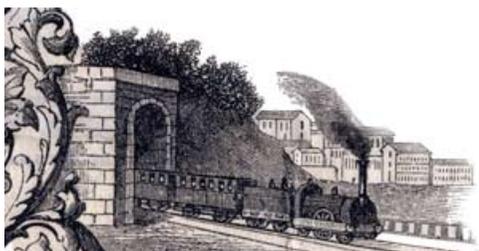


O COMBOIO EM PORTUGAL

Departamento de Informática
Universidade do Minho
Campus de Gualtar
4710-057 BRAGA
Telefone: 253.604457
Fax: 253.604471

<http://ocomboio.net>

150ANOS - 004 "RONDA À LINHA - RETALHOS DA VIDA CARRILANA - III"



150 Anos

de Caminho de Ferro Público em Portugal

"Ronda à Linha -
Retalhos da Vida Carrilana"
Páginas 19 a 21

Compilação de António Pereira Soldado,
1952.

(Editora desconhecida)

Edição de textos de Daniel Nogueira.
Edição online de Dario Silva.
Publicado em Maio de 2006.



“O GASPARINHO DAS COMÉDIAS

Por TOMÁS FERNANDES
Chefe de 1ª classe

O «Gasparinho das Comédias» - pobre e louco comediante de trazer por casa e nos comboios do seu tempo - não tinha contra regras, não possuía guardas-roupa, detestava os aderecistas, abocanhava os cenógrafos, abominava as orquestras, repudiava os electricistas, odiava os comparsas, e aborrecia os colegas...

Era sempre a mesma personagem em múltiplos cenários, ironizada em todos os palcos! ...

Pobríssimo mas audaz carpinteiro de cena, qualquer lugar - a carruagem, a oficina, o escritório, o furgão, a gare, o «café», a cantina, e até mesmo a rua - lhe servia de tribuna e de circo!

E durante vinte anos, com o Teatro quase às moscas, ou com a tabuleta - *Não há bilhetes na casa*, não faltou uma única vez sobre o tablado para regalo do público.

Homem feíssimo, antipático, alto, rosto oval, ombros largos, cabeça pequena

e mal talhada, bronzeado e estrábico, beiços grossos, olhos empapuçados por muitos sonos perdidos, recolhera, sem favor, as insígnias de príncipe dos revisores de bilhetes mais ruins, conflituosos e grosseirões de todos os tempos.

À boquinha da noite de um dia de inverno de mil novecentos e vinte e seis, quando as primeiras flores já apontavam e sorriam nas franças das amendoeiras do litoral algarvio, uma mulher velha, feia e pequenina, retocada de perfume marítimo da nossa melhor praia atlântica, subia para o comboio, na estação de Portimão, e aninhava-se a um canto numa carruagem de terceira classe, deserta, sem luz, mal cheirosa e nua de conforto.

Encolhida nas velhas vestes de baeta, rosto pergaminhoso, meia dúzia de dentes a bailar nas guaritas da boca murcha, que não sorria há muito; trapo negro, esburacado, sobre cabelos de neve, suspenso de grosseira chapeleta de abas viradas para o céu, a velha - mordida de cansaço e não tendo com que *extugar* a fome - mal pousou os ossos vasios num dos bancos desconfortáveis e sujos do vagão, cerrou os olhos purulentos de tra-

coma e enevoados pelas lágrimas e caiu num sono profundo.

Por altura de Silves, o «Gasparinho» - sempre desconfiado e muito dado em procurar viajantes clandestinos - abria, cautelosamente, uma das portas da carruagem onde a velha repousava, e, pé ante-pé, principiou, com o seu estrabismo de grosso calibre, a correr os olhos por todos os compartimentos.

As suas botas de solas de borracha, grosseiras e sem brilho, não provocavam o mais pequeno ruído.

No entanto, o seu olhar vesgo não enxergou o vulto espalmado e humilde da velha que dormia serenamente aninhada a um canto. Ia já a retirar, quando, por imposição orgânica, explodiu de tal maneira, em rigorosa praga indecente, por a carruagem circular às escuras, que a velha acordou, sobressaltada, soltando um profundo gemido.

- Quem está aí?! ... - gritou num vozeirão terrível, estúpido e agressivo, o «Gasparinho», voltando-se, surpreendido.

- Uma pobrezinha de Cristo, mê siôr, uma

pobrezinha de Cristo ... - respondeu a velha, suavemente, levantando-se.

- Para onde vai?!

- Para Boliquiteime, sabe vomecêa... para Boliquiteime...

- Ainda raio embarcou você, que eu não a vi entrar?! ...

- Em Portimão, mê siôr, por aquela porta ali...

- Mostre-me o seu bilhete - resfolegou o «Gasparinho»

A velha levou a mão magra ao seio descarnado e nú, puxou de um lenço esfiado e sujo de mendigo, desdobrou-o, tirou o bilhete e apresentou-o ao revisor que o devolveu num resmungo, desleixado.

A pobre, tornou a sentar-se, receosa e melancólica.

Três ou quatro passos andados, depois de haver furado o bilhete e voltado as costas à velha, preparava-se para mudar de carruagem, quando sentiu, debaixo dos pés, qualquer matéria viscosa

e fedorenta que o fez oscilar como um ébrio, perder o equilíbrio, e estender-se ao comprido, como um fantoche, num formidável trambulhão, no leito incómodo, sujo, grosseiro e duro do veículo de almofadas do pinhal de Leiria.

Levanta-se, lambusado, a cambalear, cabelos caídos, desgrenhados como se por eles houvesse passado a fúria de um ciclone, avança, resoluto, ameaçador, para a pobre.

- Ah! sua porca! ... sua desavergonhada! ... - berrou o «Gasparinho», num vozeirão que fez tremer a velha e estremecer as vidraças da carruagem.

A velha, sem compreender a razão de tal disparate, ainda mais se encolhia nos seus miseráveis andrajos.

- Com que então, para Boliquiteime, em?! ... para Boliquiteime, e às escuras! ... deixa estar que eu te mudarei depressa o destino, grande velhaca! - continuou o «Gasparinho» arreganhando as dentuças e puxando-a violentamente para si.

A pobre cabeça branca soltou um grito, assustada, e um vago terror se lhe apo-

derou do espírito, naquele momento, num receio de fêmea indefesa.

- Dêxe-me! sê hóme estupurado!... sê débo maldito! ... - explodiu tràgicamente a velha, lutando contra as peludas manápuas do «Gasparinho».

Este, numa raiva adusta de carnívoro e sacudindo a desgraçada pelos ombros descarnados, atirou-lhe:

- Quem fez aquele serviço ali?! ...

- Qual serviço? ... - balbuciou a triste mulher, tentando libertar-se das garras aduncas do revisor.

- Aquela trampa!... sua descarada, aquela trampa ... ali! ... - vociferou o «Gasparinho», perdendo de todo a vergonha.

A velha, surpreendida e inocente, soluçou:

- Abaixei-me, hoje, à tarde, no praia, sabe vomecê... foi lá em baixo, na praia, à beira dum rochedo; e eu não tenho mi-galha... passo tão mal ... como tão pou-cochinho...

- Pois sim, pois sim. A mim não enganas tu, e, quando chegarmos a Tunes, vou dar parte disto ao chefe, fica sabendo - rugiu o «Gasparinho» largando a velha.

- Tótes! sê bruto! Que me magoou! já tem ávondo! vá dar parte quando quiser, sê hóme do débo!

- E é que vou mesmo, sua cabra! e é que vou mesmo! ...

- Pois vá quando quiser e que o leve o débalma, sê hóme danado - chicoteou a pobrezita.

- E é que vou mesmo! e é que vou mesmo! - repetia, com raiva, o «Gasparinho».

- E o sôr cheire aceitará? - perguntou a mulher, já com humildade.

- Aceitará o quê? - resmungou o outro.

- Ora, o que há-de ser; a parte dessa coisa que vomecêa lhe vai dar...

- Então não há-de aceitar?! e hei-de trazê-lo aqui para provar, pois então. E há-de pagar caro o teu atrevimento, minha porcalhona!

- Mas vomecêa não tem provas, e eu estou inocente - choramingou a acusada.

- Tenho provas, tenho, e hei-de provar - ripostou o «Gasparinho».

- Pois que faça muito bom provêto a vomecê dous e não lhes falte o apetite - respondeu a velha, quase a medo, num sorriso amargo de ironia e de sarcasmo.

Entretanto, o comboio - fedorento e ranhoso, e lambusado sabe-se lá por quem - chegara a Tunes.

E quando, momentos depois, o indesejável «Gasparinho», acompanhado do chefe da estação, voltou à carruagem, para, dar a este a prova do instrumento do crime, já não encontrou a velha - que havia desaparecido, como por encanto, sob o sorriso inocente, luminoso e divino das amendoeiras em flor, naquela noite de inverno de 1926.

Estação de Lisboa, Terreiro do Paço, Março de 1952.”



Estação de Portimão, data desconhecida.
In "Estações de Caminho de Ferro Através do Bilhete Postal,
Ecosoluções, Consultores Associados Lda., Lisboa, 2000.